

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 23 - número 45 - março 2014

vol. 23 - número 45 - março 2014

Fundação Eng. António de Almeida



Marco Lamanna, *La nascita dell'ontologia nella metafísica di Rudolph Göckel (1547-1628)*, G. Olms Verlag, Hildsheim – Zürich – New York, 2013, 349pp.

Eis-nos perante uma obra que urgia. Conhecida a responsabilidade de Glocenius na divulgação do neologismo “ontologia” (1613), mas sobretudo a indiscutível relevância do tema, faltava-nos um estudo histórico-literário aturado, austero e competente. Ora a monografia em apreço cumpre, felizmente, todas estas exigências e da sua leitura resulta uma experiência gratificante, sobretudo atinente a demonstrar o carácter sistemático do projecto ontológico de Rudolfo Glocenius. Saudamos, por isso, a sua quase impoluta e cuidadosa publicação que cumpre, além do mais, todas as exigências académicas, mormente o rigor filológico, o conhecimento sério e alargado das fontes, a vastidão do conhecimento demonstrado, a sua correcta exegese, uma estrutura sistemática adequada, uma actualizadíssima e exaustiva bibliografia (pp. 315-336), mais os habituais e necessário índices (nomes e lugares, e temático) e ainda seis apêndices irregulares, informados e de variado teor. Começemos por esclarecer que o A. fora responsável por estudos preparatórios que abriram já novas perspectivas (lembramos a sua participação nesta nossa *Revista Filosófica de Coimbra* (vol. 38, 2010, pp. 291-314, a propósito do aparecimento do vocábulo ‘psicologia’) – legando-nos mormente a data da antecipação do neologismo ora em causa, na obra de J. Lorhard (1606), e a fidelidade que o A. tem prestado ao tema dava-nos garantias da qualidade desta monografia que, estamos em crer, depressa se constituirá como um marco na historiografia filosófica em geral e da historiografia da metafísica em particular. A nós, portugueses, também nos interessa sobremaneira esta monografia dado que, embora desconhecendo o importante trabalho de António Manuel Martins (*Lógica e Ontologia em Pedro da Fonseca*, Lisboa 1994), ela dedica sobejas páginas ao exame do denominado Aristóteles Português, autor deveras central nesta história quanto mais não fosse pela sua anterioridade em relação ao mais conhecido F. Suárez. (Verifica-se também, a pp. 157, que o A. não chegou a conhecer a dissertação de doutoramento sobre António Bernardi, apresentada à Sorbonne por Cristóvão Marinheiro). Dividida em duas partes, a presente obra estabelece primeiro

a biografia intelectual e o ambiente de Glocenius em Marburgo, passando de seguida ao exame central da ‘ontologia’ na história calvinista (mormente Timpler e Lorhard, além de Glocenius, evidentemente), ocupando-se, os dois capítulos da segunda parte, primeiro do que o A. chama “a codificação da ontologia na ‘Isagoge in primam philosophiam’ (1598), e depois do léxico da ontologia, a saber: *abstractio*, *analogia*, *aliquid*, *possibilitas* e *res*. Escusado será dizer, por conseguinte, que o A. da obra ora em recensão, com todo o mérito e competência, já ocupa um lugar indispensável, caso se queira fazer a história da ontologia. Tratar-se-á, no caso, de distinguir com precisão e acribia histórico-filológica o âmbito da ontologia do âmbito da metafísica, de informadamente assegurar a quota-parte que a escola jesuíta teve em toda esta metamorfose histórico-literária mas na qual a escola calvinista teve papel preponderante – assistiremos ao devir e à recepção alemã de Pedro da Fonseca, Bento Pereira ou Francisco Suárez –, finalmente, e já não seria mérito de somenos, de alterar a nossa narrativa sobre o debate metafísico jesuíta continental, e o da *Schulmetaphysik* até Kant com o alvitre de que, enquanto a lê, o leitor compreenderá nada mais nada menos do que a maneira como o Ocidente pensou e “inventou” a “realidade” como não coincidente com a realidade efectiva.

Mário Santiago de Carvalho

María Teresa Rodrigues, Eduardo Lourenço. *Hermeneuta do Imaginário Português*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2012, 135 pp.

O texto em apreço retoma o projecto de dissertação de Mestrado em “Hermenêutica, Linguagem e Comunicação”, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o qual a autora recebeu o prestigiado prémio *Doutor Miguel Baptista Pereira* de 2007, instituído pela Fundação Eng. António de Almeida.

Trata-se de um trabalho com vários méritos e pontos de interesse dos quais, desde logo, se destacará o facto de se situar nos férteis lugares de fronteira onde, na diferença de perspectivas que sempre tornam mais profundos os pontos de encontro, a reflexão filosófica se fortifica.

Nesses lugares de fronteira reconheceu a autora ser possível meditar a que ponto “interpretar o sentido da nossa existência como povo assume em E. Lourenço uma natureza hermenêutica muito próxima da desenvolvida por P. Ricoeur nos seus estudos sobre problemas como a *identidade pessoal*, o *mal* ou o *tempo*, cuja clarificação exige a interpretação da linguagem simbólica através da qual ao longo do tempo o homem tem procurado esclarecê-los” (p. 23). Neste sentido se compreende que o ponto de partida do trabalho seja a “reflexão sobre Portugal” de um “hermeneuta heterodoxo” que partilha com o grande filósofo francês não apenas pressupostos fenomenológicos mas, igualmente, a valorização do literário como lugar de esclarecimento da existência humana. De facto, segundo a autora, os dois pensadores par-

tilham a convicção de que a compreensão do humano não pode descartar a tradição que nos chega e nos toca através da linguagem e do *muthus* configurador do mundo que abre à refiguração orientadora da acção.

Na via de uma demonstração fundamentada deste acordo de fundo, estudará a autora algumas das categorias fundamentais da hermenêutica de P. Ricoeur, como sejam, por exemplo, as de “mundo do texto” (pp. 65 e ss), “identidade narrativa” (pp. 101 e ss), ou aquelas que são desenroladas pela rede conceptual que, no contexto de uma releitura do trabalho de Aristóteles sobre a *mimesis* da praxis, o filósofo de Valence medita através da tríade “pré-figuração”, “configuração”, “refiguração” (pp. 85 e ss). No contexto de tal estudo, a autora evidencia com acuidade que a reflexão ricoeuriana permite uma compreensão mais clara e sustentada da *hermenêutica heterodoxa* de Lourenço, em particular no que concerne ao modo como o filósofo português pensa a identidade cultural portuguesa a partir de um imaginário literário, mítico e simbólico próprio, que se deve entender como renovadamente apropriado de modo complexo. Neste ponto se encontra, parece-nos, um dos traços mais originais deste estudo.

É pois num colóquio alargado em redor da identidade, da memória, da linguagem e do imaginário que, na diferença de estilos, na distância de explicitações teóricas e de caminhos de reflexão, estes dois vultos do pensamento contemporâneo se “encontram”. Como a autora anota de forma certa, no fundo esse encontro é firmado no campo da investigação do sentido do homem e da sua história – sentido do homem e sentido da história que “só podem captar-se na grande digressão dos signos da humanidade depositados nas obras de cultura, sobretudo articulados e trazidos até nós pela literatura” (p. 129), que permanece esse enorme laboratório de possibilidades de sentido capaz de ordenar e significar a praxis temporal de múltiplas maneiras.

Luís António Umbelino

Vicki Müller-Lüneschloß: *Über das Verhältnis von Natur und Geisterwelt. Ihre Trennung, ihre Versöhnung, Gott und den Menschen. Eine Studie zu F. W. J. Schellings »Stuttgarter Privatvorlesungen« (1810) nebst des Briefwechsels Wangenheim-Niederer-Schelling der Jahre 1809/1810, Frommann Holzboog, Stuttgart-Bad Cannstatt, 2012, 316 pp.*

O livro de Vicki Müller-Lüneschloß, intitulado *sobre a Relação da Natureza com o Mundo Espiritual*, resulta de uma tese de doutoramento defendida na Universidade Ludwig-Maximilian de Munique em 2009, e apresenta um estudo sobre as denominadas *Lições de Stuttgart (Stuttgarter Privatvorlesungen)* que F. W. J. Schelling proferiu nessa cidade, em privado, de Fevereiro a Outubro de 1810.